

MINHA PAIXÃO PELOS ADVÉRBIOS.

Walmirio Macedo,
da Academia Brasileira de Filologia cadeirã 09 e UFF

Minha paixão pelos advérbios começou na minha adolescência com o meu interesse pelos estudos de Língua Portuguesa.

Essa paixão custou-me alguns desentendimentos com o meu professor de Português numa determinada época.

A primeira causa foi o meu professor de Filosofia que me ensinara que numa definição não deve aparecer o termo que se está definindo, pois seria uma definição falha.

Assim e por isso mesmo, comecei a questionar a definição de advérbio como a palavra que modifica o adjetivo, o verbo e o próprio advérbio.

Espantava-me de ver uma coisa tão cristalina como a que me ensinara o meu professor de Filosofia e de encontrar em todos os compêndios gramaticais, ou quase todos, aquela definição repetida.

Comecei então a minha pesquisa para verificar se realmente o âmbito modificador do advérbio se restringia àquelas três classes.

Achava também estranho definir-se uma classe com base exclusivamente no seu âmbito modificador.

Parti para a leitura de texto à cata de advérbios e das palavras que estariam possivelmente modificando.

A cada exemplo encontrado era-me dada uma explicação que não satisfazia ao meu espírito curioso de adolescente.

Quando apresentei ao meu professor a expressão: *Ele é muito homem* e lhe indaguei se o advérbio muito não estaria modificando o substantivo homem, respondeu-me que sim, mas homem aí era verdadeiro adjetivo, era um substantivo funcionando como adjetivo.

Isso não satisfez ao meu espírito indagativo, pois havia encontrado um trecho do Padre Antonio Vieira assim: “Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”

Ficou-me difícil aceitar o substantivo Deus, substantivo próprio funcionando como adjetivo. Mesmo na segunda parte – verdadeiramente homem -, senti as mesmas dificuldades.

Em muito homem, poderia interpretar muito macho, muito valente. Mas em verdadeiramente homem como interpretaria?

Minhas dúvidas ou minhas certezas iam aumentando.

Ao ler Machado de Assis, no seu Apólogo, (era leitura em sala de aula), vibrei quando li: “Quem os cose sou eu e muito eu”.

Tenho um advérbio diante de um pronome-substantivo, modificando-o sem a menor dúvida e sem a possibilidade de interpretá-lo como correspondente de adjetivo.

Lembro com prazer e saudade dessa fase de minha vida que já estava marcando o meu interesse por esses estudos e o caminho que haveria de seguir na minha caminhada intelectual.

O curioso é que hoje continuo pensando da mesma maneira.

O advérbio é uma classe muito rica que não pode ficar limitada a seu âmbito modificador.

Todos os especialistas são unânimes em ressaltar o que essa classe possui de complexo e, por isso mesmo, a dificuldade de enquadrá-la em frios conceitos.

A maioria das gramáticas se situa no conceito tradicional: palavra que modifica o adjetivo, o verbo ou o próprio advérbio.

Outros especialistas adotaram a definição: palavra que modifica o verbo.

Restringiram o âmbito modificador ao verbo.

Um terceiro grupo de especialistas adotaram a seguinte definição: Palavra que modifica o adjetivo, o verbo e o advérbio, podendo também referir-se a uma oração inteira.

Por fim, um último grupo que define assim: Palavra que modifica qualquer outra, ou mesmo uma oração inteira, ajuntando uma circunstância ou intensificando.

Com se pode observar, as discordâncias ocorrem no âmbito modificador do advérbio.

Na realidade, uma definição é boa se atinge todos os casos ou a maioria absoluta dos casos e, quando se tratar de área gramatical, tem de corresponder ao uso da língua, ou seja, à parole.

Georges Galichet, em seu livro *Méthodologie Gramaticale*, diz que “o próprio de uma definição científica é abarcar todos os casos”.

Bernard Pottier, em sua *Lingüística Moderna y Filologia Hispânica*, texto em espanhol,

assim se expressa: “El concepto de advérbio es uno de los peor definidos de la gramática”.

Não se pode ignorar a versatilidade dessa classe. A amplitude do âmbito modificador do advérbio é um fato da linguagem usual e, por isso mesmo, incontestável.

O professor Gladstone Chaves de Melo, de saudosa memória, em sua excelente *Iniciação à Filologia Portuguesa*, diz:

Advérbio, porquê, se a palavra assim denominada pode modificar um adjetivo, outro advérbio, um pronome e, em certos casos, até um substantivo.

O mestre Gladstone, mais adiante, prossegue:

O advérbio é, a rigor, um determinante do verbo ou do predicado que concretiza mais a ação ou a afirmação, situando-o no tempo ou no espaço, indicando-lhe a modalidade, a gradação, a intensidade, a frequência, a duração. Ou é um determinante do nome, do pronome ou de advérbio, para matizar ou enfatizar, intensificar, localizar, destacar, incluindo ou excluindo. Daí advérbio circunstancial e advérbio intensificador.

Mattoso Câmara, em seus *Princípios de Lingüística Geral*, assim se expressa:

Complementarmente, o nome ou o pronome pode aparecer fixado em uma função especial modificadora de um verbo ou um nome e, sob forma livre ou dependente, típica, passar a ser sentido como um vocábulo sui-generis. Tem-se então o que nas gramáticas das nossas línguas ocidentais se chama advérbio.

Otto Jespersen, em sua *Philosophy of Grammar*, ressalta o papel de um advérbio adjunto no seu exemplo: O então governo.

Jespersen dá outro tipo de advérbio na frase 'muito feliz' que ele denomina de subjunto.

O filólogo, Padre Augusto Magne compreendeu o problema e assim definiu o advérbio, no seu Dicionário da Língua Portuguesa, A-AF:

"Palavra invariável que se junta a verbos, adjetivos, substantivos e mesmo a outros advérbios, para lhes modificar a significação: corre bem, medianamente instruído, não são os reis mais homens por serem reis, está pensando muito bem...."

Como Galichet, Albert Sechehaye, em sua *Structure logique de la phrase*, já afirmara que o advérbio é uma classe difícil de delimitar.

Alcala-Zamora, no seu livro *Dudas y temas gramaticales*, adota a definição tradicional, mas diz que certos advérbios aparecem referindo-se a substantivos como em *o dia antes* ou *o dia depois*.

Parece que há unanimidade de opiniões quanto à complexidade dessa classe.

Pottier fala até em falsos advérbios no caso de *muito* antes de um adjetivo: muito feliz.

Na verdade, nesse caso, o advérbio forma com o adjetivo um bloco, é um intensificador.

Mas todo esse devaneio sobre o advérbio nos tira do verdadeiro caminho, do lado mais bonito de seu estudo que é a sua carga semântica, o seu valor e ignorar essa carga é privar-se de um potencial de interpretação.

A própria listagem dos advérbios com seus valores semânticos, apresentada pelas melhores gramáticas, é uma visão amputada de sua capacidade expressiva. É na oração que se dá a plena realização dessa potencialidade.

Um aspecto que é relevante na pesquisa da significação adverbial é o seu emprego com sentido diferente do usual, do que é comumente conhecido, ou quando se esvazia de sua significação.

Nesse caso, não devemos esquecer o que diz Henri Lefèbvre, em seu livro *Le langage et la société*, quando ressalta que o vazio é uma forma eficiente de comunicar.

Enfim é uma classe muito rica.

Numa proposta de classificação do advérbio, poderíamos dividi-lo em grupos:

A. Quanto ao valor

B. Quanto à noção.

No grupo A, teríamos:

1. Advérbios subjetivos: aqueles que indicam uma atitude ou um sentimento do sujeito falante relativamente àquilo que ele diz, seja afirmação (certamente), seja dúvida (talvez), seja satisfação ou o oposto, ou ainda surpresa. (Cf. Sechehaye, *Albert Structure logique de la phrase*. p.165)

Refletem em alguns casos a opinião do sujeito falante.

Sechehaye prefere chamar esses advérbios de 'advérbios de oração' porque realmente modificam uma oração inteira.

Outros preferem chamar de advérbios psicológicos.

2. Advérbios de valor lógico: aqueles que indicam um encadeamento lógico da frase, a consequência lógica. É o caso de sobretudo, ao contrário, em suma, então etc.
3. Advérbios qualificativos: aqueles que exprimem a qualidade do processo verbal, ou seja, o modo. São os advérbios de modo terminados em -mente: Ele se exprime agradavelmente.
(Cf. Galichet, *Grammaire Psychologique*, p. 39-45 e *Méthodologie Grammaticale*, p. 171)
4. Advérbios determinativos: aqueles que situam o processo em relação com a realidade: advérbios que intensificam, ou indicam lugar, tempo etc..

Há autores que acham que advérbios determinativos de lugar e tempo ficariam melhor numa classe de pronomes locativos e temporais.

Meyer-Lübke, em sua *Grammaire*, v.II, p.530, diz que há grande correlação entre advérbio e pronome.

C. Advérbios quanto à noção:

1. Intensidade: pouco, muito, demais, menos, mais, meio etc.
2. Lugar: aqui, aí, ali, cá, lá, acolá etc.
3. Tempo: agora, ainda, amanhã, ontem, hoje, já, jamais, nunca, sempre etc.
4. Dúvida: acaso, talvez, quiçá, porventura etc.
5. Afirmção: sim, certamente etc.
6. Negação: não, nada etc.

Na verdade, essa listagem é apenas um leque de possibilidades que não fecha a(s) significação (ções) do advérbio.

Comentemos, ainda que sumariamente, alguns casos.

O advérbio **agora** significa nesta hora. A sua origem ratifica o significado: *hac hora*=nesta hora.

Meyer-Lübke ressalta que significa também um momento seguinte ou precedente imediatamente (o.c.v.III, p.540).

Agora pode aparecer no texto fruto de uma situação anterior qualquer:

“*Agora* tinham obrigação de comportar-se como gente da fala deles”. (Graciliano Ramos, *Vidas Secas* p. 43).

O **agora** dessa frase não significa ‘neste momento’. Significa muito ao contrário: “deste momento em diante”.

E o **E agora, José?** do nosso grande poeta Drummond de Andrade?

Indica uma situação nova em relação a uma anterior.

Agora não é sinônimo de já, na maioria dos casos.

Zamora, em *Dudas y Temas Gramaticales*, p. 163, diz que nos devemos acostumar a diferenciar **agora** e **já**, reservando **agora** para o presente fugaz e instantâneo, ou mais próximo e sem igualá-los total e arbitrariamente.

Agora é, por natureza, momentâneo, é o advérbio típico do presente.

O advérbio **já** estabelece uma relação entre um momento dado e as circunstâncias que o precederam imediatamente ou o seguiram.

Depois passa a significar que uma coisa acontece contrariamente a nossa vontade, ou seja, acontece mais cedo que esperávamos.

Daí é que nasceu a relação de tempo anterior ou posterior e já se aproxima de agora e quase se identificam.

Para Meyer-Lübke (obra citada, p. 542), a história do **já** tem três etapas:

1. Indicava a relação entre um momento dado e as circunstâncias que o precederam imediatamente ou o seguiram.

2. Passou a significar que uma coisa acontece contrariamente a nossa vontade, ou melhor, aconteceu mais cedo do que esperávamos.
3. Depois, nasceu daí a relação de tempo anterior e posterior e **jam** se aproxima do sentido de **nunc** (agora) e a ele quase se identifica.

Essa é a visão diacrônica do **jam**; É a sua história semântica que se realiza conforme pesquisamos na sincronia.

O sentido sincrônico de **já** é uma mistura de seus significados diacrônicos.

No Português atual, temos um **já** que indica uma coisa que aconteceu mais cedo que esperávamos ou contrária a nossa vontade. Temos também um **já** que indica a relação entre um momento dado – o atual e as circunstâncias que o precederam ou seguiram. Temos ainda um **já** que se identifica a agora.

Ressalto aqui a importância dos estudos diacrônicos para sincronia, para explicar e para confirmação dos fatos.

Observem-se os exemplos:

Você já chegou. = chegou mais cedo que eu esperava.

“ Mas já sabe de todas essas histórias, não é verdade?” (Cornélio Pena, Fronteira) – indica um fato que aconteceu mais cedo que se esperava.

“ Meu amor não sabe já o que seja impaciência de ciúme ou exclusivismo” (Machado de Assis, Yayá Garcia)

Os exemplos são numerosos.

Os advérbios *sempre* e *ainda* tidos como de tempo aparecem com relativa frequência com a noção de concessão.

Em alguns casos, há até a superposição das duas noções; A frase “ Você ainda me ama” pode significar “Você me ama até hoje, até agora” como pode ser “você me ama apesar de tudo.

Na frase de Machado de Assis, no D. Casmurro, “ A pintura escureceu mas ainda dá idéia de ambos” sentimos a superposição das duas noções – a de tempo e a de concessão: dá idéia de ambos até hoje ou apesar disso.

Frases do tipo “Vou sempre ao teatro” têm um valor diferente da dita, em razão de um temporal imprevisto: Vamos sempre ao teatro?

Trata-se de uma classe rica no seu aspecto semântico.

É só observar. Temos um lá advérbio de lugar e tempo que indica negação em muitas orações:

Ia lá meter-me com gente rica. (Graciliano, Vidas Secas)

Sei lá.

Lá isso, não, atalhou Rubião.

Um tipo de advérbio, que já citamos neste artigo, muito interessante é o chamado advérbio de oração, que alguns chamam de subjetivos, outros de psicológicos e outros de advérbios de opinião.

Na verdade, ele reflete a opinião de quem fala ou o proveito do sujeito falante em relação ao pensamento expresso. Têm lugar nesta lista *felizmente*, *naturalmente*, *seguramente*, *realmente*, *provavelmente* entre outros.

Felizmente, os ladrões não arrombaram o cofre.

Nesta frase o advérbio não se refere especificamente a nenhum termo da oração. Felizmente para quem? Para o dono do cofre, é evidente.

Naturalmente, voltou a pensar em se casar de novo. Naturalmente reflete a opinião do falante, resultante de uma conclusão sua.

Realmente, está deliciosa.

Seria impossível esgotar o assunto num artigo. Reservo-me para mais adiante se Deus continuar dando-me saúde, vida e disposição.

Referências bibliográficas

Aqui estão indicados apenas os textos que foram citados diretamente.

ALCALA_ZAMORA, Dudas y temas gramaticales

CÂNDIDO JUCÁ, *O fator psicológico na evolução sintática*, Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953. (Também uma edição da FGV, de 1971)

DUBOIS, Jean *Grammaire structurale du français: la phrase et les transformations*. Paris, Larousse, 1969.

GALICHET, Georges *Essais de grammaire psychologique*. 2ª. Ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1953.

Méthodologie grammaticale: étude psychologique des structures, Paris, Presses Universitaires Française, 1963.

JESPERSEN, Otto *The Phylosophy of Grammar*, George Allen and , London.

LEFÈBVRE, Henri *Le langage et la société*

MACEDO, Walmirio *Elementos para uma estrutura da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Presença, 1987.

Análise sintática em nova dimensão, 5ª. Edição, Rio de Janeiro, Editora Presença.

Gramática da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Presença.

MAGNE, Augusto *Dicionário da Língua Portuguesa A-AF*, Instituto Nacional do Livro

MATTOSO CÂMARA *Estrutura da língua portuguesa*, Vozes, Petrópolis, 1970.

Problemas de lingüística descritiva, Vozes, Petrópolis, 1969.

MELLO, Gladstone Chaves *Iniciação à Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951.

MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*

POTTIER, Bernard *Lingüística Moderna y Filología Hispânica*, Madri, Gredos, 1968.

Lingüística Geral-Teoria e descrição. Tradução e adaptação de Walmirio Macedo. Editora Presença.

RODRIGUEZ ADRADOS, *Francisco Lingüística estructural*, 2v., Madri, Gredos, 1969.

SAIS ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Túlío de Mauro, Payot, Paris, 1972

SECHEHAYE, Albert *Structure logique de la phrase*, Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1850.

TOGEBY, Knud *Structure inmanente de la langue de la langue française*, Paris, Larousse, 1965.